

Apostila de autoria da professora Milene Maciel Carlos Leite para o Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – CAp-UERJ.

Disciplina: Língua Portuguesa

Apostila: Crônica argumentativa e estudos dos sintagmas

Queridas e queridos, após o nosso primeiro encontro, daremos continuidade à leitura de crônicas argumentativas de autoria do escritor brasileiro Lima Barreto. Trata-se de um autor que nos faz pensar que **defender o que se acredita é tarefa para hoje e sempre vale a pena.**

Que possamos aprender muito, neste ano letivo. E que os aprendizados sirvam para a vida.

Leiamos juntas/os:

Não as matem

(Lima Barreto)

Esse rapaz que, em Deodoro, quis matar a ex-noiva e suicidou-se em seguida, é um sintoma da revivescência de um sentimento que parecia ter morrido no coração dos homens: o domínio, *quand même*¹, sobre a mulher.

O caso não é único. Não há muito tempo, em dias de carnaval, um rapaz atirou sobre a ex-noiva, lá pelas bandas do Estácio, matando-se em seguida. A moça com a bala na espinha, veio morrer, dias após, entre sofrimentos atrozes.

Um outro, também, pelo carnaval, ali pelas bandas do ex-futuro Hotel Monumental, que substituiu com montões de pedras o vetusto Convento da Ajuda, alvejou a sua ex-noiva e matou-a.

Todos esses senhores parece que não sabem o que é a vontade dos outros.

Eles se julgam com o direito de impor o seu amor ou o seu desejo a quem não os quer. Não sei se se julgam muito diferentes dos ladrões à mão armada; mas o certo é que estes não nos arrebatam senão o dinheiro, enquanto esses tais noivos assassinos querem tudo que é de mais sagrado em outro ente, de pistola na mão.

O ladrão ainda nos deixa com vida, se lhe passamos o dinheiro; os tais passionais, porém, nem estabelecem a alternativa: a bolsa ou a vida. Eles, não; matam logo.

Nós já tínhamos os maridos que matavam as esposas adúlteras; agora temos os noivos que matam as ex-noivas.

De resto, semelhantes cidadãos são idiotas. É de supor que, quem quer casar, deseje que a sua futura mulher venha para o tálamo conjugal com a máxima liberdade, com a melhor boa-vontade, sem coação de espécie alguma, com ardor até, com ânsia e grandes desejos; como

e então que se castigam as moças que confessam não sentir mais pelos namorados amor ou coisa equivalente?

Todas as considerações que se possam fazer, tendentes a convencer os homens de que eles não têm sobre as mulheres domínio outro que não aquele que venha da afeição, não devem ser desprezadas.

Esse obsoleto domínio à valentona, do homem sobre a mulher, é coisa tão horrorosa, que enche de indignação.

O esquecimento de que elas são, como todos nós, sujeitas, a influências várias que fazem flutuar as suas inclinações, as suas amizades, os seus gostos, os seus amores, é coisa tão estúpida, que, só entre selvagens deve ter existido.

Todos os experimentadores e observadores dos fatos morais têm mostrado a inanidade de generalizar a eternidade do amor.

Pode existir, existe, mas, excepcionalmente; e exige-la nas leis ou a cano de revólver, é um absurdo tão grande como querer impedir que o sol varie a hora do seu nascimento.

Deixem as mulheres amar à vontade.

Não as matem, pelo amor de Deus!

Correio da Noite, Rio de Janeiro, 27-1-1915 - Domínio Público

1. *locução adverbial* - usada para expressar oposição ou concessão; *apesar de tudo, mas, seja como for*.
(Oxford Languages)

QUESTÕES PARA DISCUTIR ORALMENTE:

O que vocês acharam do texto? E de sua temática? De que acontecimento o texto parte? Embora tenha sido publicado em 1915, quando nenhum de nós sequer havia nascido, vocês acham a temática atual?

QUESTÕES PARA RESOLVER (EM DUPLA):

1. Considerando os seus conhecimentos adquiridos no oitavo ano e nos anteriores, é possível afirmar que o texto lido, do escritor Lima Barreto, publicado no jornal *Correio da Noite*, tem apenas o objetivo de informar? Justifique, com **resposta completa**.

2. O título da crônica, “Não as matem”, faz uso do imperativo. Esse mesmo sintagma verbal é repetido na última frase do texto. Que efeito de sentido o uso deste modo verbal produz, no texto?

3. Ainda em relação ao título, “Não **as** matem”, após ler o texto, a quem o “**as**” faz referência?

4. Ao se referir aos homens que praticam feminicídio, o autor faz uso de diferentes denominações: “esses senhores”, “semelhantes cidadãos”, “esses tais noivos assassinos”, “os tais passionais”.

a) Apresente a análise (identificação de núcleo e de determinantes) de cada um dos sintagmas nominais, dentre os elencados.

b) Em “esses tais noivos assassinos” e “os tais passionais”, o determinante “tal” não apenas determina o núcleo, mas modifica o seu sentido. Como? Explique.

c) No modo como o autor se refere aos praticantes de feminicídio, percebe-se a sua **opinião ou ponto de vista** sobre o assunto. Justifique essa afirmação, citando sintagmas adjetivais retirados do texto. Obs.: Elabore resposta completa.

5. Em dado momento do texto, o autor faz uma comparação entre um homem que assalta, isto é, um assaltante qualquer, e outro que mata a mulher, portanto o autor de feminicídio. Em uma **comparação**, há sempre um traço de semelhança (por exemplo, “Meu gato Chico é **como** o Garfield, muito preguiçoso”). Que traço permite a comparação e qual outro é definido por Lima Barreto como um ponto de diferença? Explique.

PARA CONHECER: Você sabe o que significa **feminicídio**? Segundo o site do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios, “trata-se de uma nova forma qualificada do crime de homicídio que tem como pena a reclusão, de doze a trinta anos. Para caracterizar o crime é necessário que a vítima seja mulher e que o crime tenha sido cometido com envolvimento de violência doméstica ou discriminação contra a condição de mulher”. A lei que determina essa qualificação é recente, de 2015 (Lei Federal 13.104/15).

Sobre o gênero discursivo crônica

A crônica é compreendida por estudiosos como um gênero discursivo que transita entre as esferas **literária e jornalística**. Isso se dá devido ao fato de as crônicas terem se popularizado a partir do desenvolvimento da imprensa no Brasil, no século XIX. Cruz e Costa Hübner (2016) citam Schneider (2008) para afirmar que “a crônica – cuja palavra originária do grego *chronikós* faz referência ao tempo *chrónos* – desenvolveu-se a partir da criação do folhetim”, narrativa ficcional inicialmente publicada, capítulo por capítulo, em jornais (o folhetim, por sinal, modifica a relação das pessoas com o romance, gênero literário que vamos estudar neste ano). Por esse entrelaçamento entre o **literário e o jornalístico**, Melo (2002) define a crônica como um “relato poético do real”, já que se parte de um tema que está na ordem do dia, com o objetivo de promover uma reflexão. O fato cotidiano, assim, é recriado pelo cronista, com elementos próprios da natureza literária, como o humor, a ironia, a beleza, a poesia, a crítica, como defende Ritter (2009). A linguagem, no entanto, tende a ser coloquial, aproximada do cotidiano do leitor.

Referências:

Cruz; Costa-Hübner. *Gênero discursivo crônica*: aspectos temático, estilístico e composicional nas práticas escolares. Revista Travessias. 2016.

LiterAfro - <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/450-lima-barreto>.

Melo, José Marques A. Crônica. In.: Castro, G. de; Galeno, A. (Orgs.). *Jornalismo e literatura*: a sedução da palavra. São Paulo: Escrituras, 2002. p.139-154.

Ritter, Lilian Buzato. *Gênero discursivo crônica*: um estudo do contexto de produção. V Siget, Caxias do Sul, p.1-17, 2009.

Schneider, Claercio Ivan. *Crônica jornalística*: um espelho para a história do cotidiano? 2008.